

# RISCO DE INFECÇÃO EM UM HOSPITAL DE BELÉM-PARÁ PELO USO INADEQUADO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eliane de Brito Pereira<sup>1</sup>; Erlen Alves da Silva<sup>2</sup>; Diélig Teixeira<sup>3</sup>; Joelma do Socorro Bezerra<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Especialização em Enfermagem em Urgência e Emergência, Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ);

<sup>2</sup>Especialização em Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva, ESAMAZ;

<sup>3</sup>Especialização em Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva, Universidade Federal do Pará (UFPA);

<sup>4</sup>Mestrado em Psicologia, UFPA

enf.elianebrito@hotmail.com

**Introdução:** Com o desenvolvimento da biologia, da microbiologia e a consequente descoberta dos microorganismos causadores de doenças, a área da saúde, em especial a medicina especializada, teve grande impulso, principalmente nos aspectos biológicos e tecnológicos do conhecimento. Desde então, muito se tem feito: estudos, pesquisas, cursos, drogas, materiais e equipamentos de proteção individual, entre outros, como medidas de prevenção e controle de Infecção Hospitalar (IH). No Brasil, ao longo dos anos, a IH constituiu-se um problema de saúde pública, necessitando de intervenção do governo, através do Ministério da Saúde, instituindo medidas específicas. Assim instituíram-se políticas de saúde para a área hospitalar como a criação de Comissões de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) e ações educativas como treinamentos e cursos específicos, centrados nos aspectos técnicos e biológicos, voltados para os profissionais que atuam direta ou indiretamente na área da saúde. A limpeza e desinfecção de superfícies são elementos que trazem a sensação de conforto e bem-estar tanto para pacientes, profissionais e familiares que utilizam os serviços quanto é imprescindível no controle das infecções relacionadas à assistência à saúde devido à redução de microrganismos presentes nas superfícies e no ambiente hospitalar<sup>1</sup>. Essa assistência vem, ao longo dos tempos, evoluindo com os avanços científicos e tecnológicos, e tem refletido em melhoria das ações de promoção e recuperação da saúde para a população. Porém, se por um lado observa-se o desenvolvimento científico-tecnológico nas ações de saúde, por outro, tem-se notado que problemas antigos ainda persistem como é o caso das infecções hospitalares. A IH é definida pela portaria do Ministério da Saúde nº 2616 de 12/05/1998 como “aquela adquirida após a admissão do paciente e que se manifeste durante a internação ou após a alta, quando puder ser relacionada com a internação ou procedimentos hospitalares”. Elas representam complicações relacionadas à assistência à saúde e constituem a principal causa de morbidade e mortalidade hospitalar<sup>2</sup>. **Objetivos:** Identificar através da observação diretamente assistida as práticas incorretas do uso indevido dos equipamentos de proteção individual pelos profissionais de limpeza terceirizados em um hospital de Belém - Pará. **Descrição da Experiência:** A partir da atuação em um hospital na capital do Estado do Pará, observou-se a rotina de trabalho da equipe de limpeza terceirizada e a maneira com a qual utilizavam seus materiais de proteção individual – EPI’s. Composta por pessoas de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e normalmente com escolaridade de nível fundamental e médio incompleto, ficou evidente a falta de embasamento teórico e prático correto para o desempenho das atividades, visto a empresa contratante não disponibilizar educação continuada a seus funcionários. Assim, baseado em observações livres, pôde-se observar e analisar o quanto esses profissionais não seguiam regras básicas de limpeza no ambiente hospitalar, desconheciam os protocolos instituídos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, referentes a limpeza nos diferentes locais, bem como, não

cumpriam os Procedimentos Operacionais Padrões - POP's da instituição. Dessa forma as observações aconteceram em dois momentos: 1º Observação das práticas laborais dos profissionais da limpeza, sem interferências no trabalho dos mesmos, somente foram anotados em um caderno os erros observados para posteriormente serem abordados em momento oportuno; 2º Desenvolvimento de palestras, onde foram expostas as inconsistências observadas e as ações corretas a serem desenvolvidas e oficinas práticas de demonstração para esclarecimento da postura adequada e da utilização dos materiais e EPI's como forma de proteção individual e coletiva. **Resultados:** Através da observação do serviço realizado pelos profissionais, no 1º momento, evidenciou-se que os mesmos realizavam diversas tarefas de maneiras inadequadas como: utilização de luvas de procedimento para a realização da limpeza, ato completamente inadequado de acordo com os protocolos instituídos pelo Ministério da Saúde, visto que o uso desse tipo de material deve ser utilizado somente em procedimentos ambulatoriais. Os trabalhadores alegavam que as luvas disponibilizadas pela empresa contratante não deixavam suas mãos confortáveis como as luvas de procedimento hospitalar; não faziam uso de máscaras PFF2 (N 95) no ambiente hospitalar, mesmo quando adentravam em quartos de pacientes com placa de precaução por gotículas e aerossóis, ressaltamos ainda que a empresa a qual eram vinculados disponibilizavam todos os equipamentos e insumos necessários para o desempenho das tarefas a serem realizadas; faziam uso constante de adornos (anéis, pulseiras, relógios, etc), meio de alta veiculação e contaminação por microrganismo; técnicas de limpeza inadequadas; compartilhamento de EPI's entre os profissionais, ação completamente inaceitável; transporte do lixo de maneira inadequada, em sacos plásticos indevidos, por exemplo, transporte de lixo infectado em sacos pretos e não em branco leitoso como rege o manual de atenção a limpeza em ambiente hospitalar, conforme orientação da ANVISA; falta de higienização dos EPI's ao final do dia de trabalho; e principalmente a falta de banho ao final do expediente, ainda no hospital. No 2º momento, foram ministradas palestras mensais com a abordagem de diversos temas relevantes e de importância no dia-a-dia de trabalho, além da realização de oficinas práticas, no intuito de relembrar e mostrar a importância da atuação correta dos profissionais de limpeza. As palestras foram realizadas no auditório do hospital, com o apoio da divisão de enfermagem. Os temas incluídos foram: limpeza e tipos de limpeza hospitalar; infecção cruzada no ambiente hospitalar; EPI's e seu uso correto, entre outros. Já as oficinas foram realizadas em um espaço externo do hospital, com demonstração real, utilizando equipamentos e materiais de trabalho do dia-a-dia da rotina de limpeza. **Conclusão ou Considerações Finais:** O planejamento e implantação das palestras repercutiram de maneira instantânea e positiva. Os profissionais apresentaram interesse e esclareceram suas dúvidas durante as apresentações. No trabalho, foi notória a mudança de postura pessoal e na realização das tarefas, passaram a utilizar seus EPI's de maneira correta e com mais responsabilidade, visando a proteção deles, dos pacientes, e dos demais funcionários do hospital. Assim, cabe salientar que os hospitais, além de fornecer equipamentos adequados, devem adotar medidas habituais de prevenção e controle de infecções, além de treinar adequadamente os servidores na utilização destes equipamentos durante a execução das tarefas do dia a dia, e lembrar que toda a comunidade hospitalar é um agente importante e determinante neste controle.

**Descritores:** Biossegurança, Infecção hospitalar, Educação em Saúde.

#### **Referências:**

1. SHIMABUKURO, Patrícia Mitsue Saruhashi; FERREIRA, Maria Rita; FELDMAN, Liliane Bauer. A gestão e o impacto da higiene hospitalar no serviço de

- neonatologia. *Jornal Oficial da Associação Brasileira de Controle de Infecções e Epidemiologia Hospitalar*. 4 (1): 25-29, São Paulo, 2015.
2. OLIVEIRA, Rosangela de; MARUYAMA, Sônia Ayako Tao. Controle de infecção hospitalar: histórico e papel do estado. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 10(3): 775-83. Cuiabá, 2008.